

## ANTES O PAI, AGORA O FILHO

W.W. MEADE

Numa noite de inverno, eu estava lendo e meu filho, Luke, se aproximou timidamente em silêncio. Ficou fora da meia-lua de luz que vinha de um abajur de bronze de que eu gostava muito. Antigamente ficava na mesa do consultório médico de meu pai.

Naquela época, Luke gostava de me trazer seus problemas mais sérios quando eu estava lendo. No ano anterior fazia isso sempre que eu estava trabalhando no jardim. Talvez ele se sentisse mais à vontade em relação a suas dificuldades quando eu estava fazendo aquilo que ele estava se preparando para fazer.

Quando começou a se interessar em ver as coisas crescerem, aprendeu a plantar sementes e a deixá-las na terra ao invés de desenterrá-las na manhã seguinte para ver se tinham crescido.

Agora estava começando a ler sozinho - embora ele não fosse admitir para mim.

Levantei os olhos do jornal e ele me deu um sorriso largo.

Mas, de repente, sua expressão tornou-se séria:

- Quebrei minha serra - disse, mostrando o brinquedo que tinha escondido atrás das costas. - Olhe só.

Luke não me pediu para consertá-la. Sua confiança de que eu poderia fazer isso era o respeito de um menininho ao milagroso consertador de triciclos, trenzinhos e vários outros brinquedos. O cabo de plástico azul da serra se partira. Meu pai, que apreciava as ferramentas de todas as profissões, não teria aprovado uma serra com cabo de plástico.

Eu disse:

- Faltam uns pedacinhos. Estão com você?

Ele abriu a mão e me estendeu os pedaços que tinham sobrado. Eu não tinha ideia de como consertar a serra.

Luke me olhou firme, a expressão revelando total confiança de que eu poderia fazer qualquer coisa. Aquele olhar revolveu lembranças. Examinei a serra cuidadosamente, remexendo as pecinhas quebradas na minha mão como remexia o passado em minha mente.

Quando tinha sete anos, fui ao consultório de meu pai depois da escola, num dia de novembro. Meu pai era realmente o melhor médico da pequena cidade de Ohio River, onde morávamos.

Ele sempre surpreendia a mim - e a seus pacientes - pelas coisas que podia fazer. Podia não apenas curar os males de qualquer pessoa, não importava o quê, mas também dominar um cavalo, fazer um pião e escorregar pela montanha em pé no meu trenó! Eu gostava de ficar na sala de espera do consultório ouvindo as pessoas me chamarem de "doutorzinho" e observando seus pacientes, que sempre saíam de sua sala melhor do que entravam.

Mas, naquele dia, quando eu tinha sete anos, estava lá para ver meu melhor amigo, Jimmy Hardesty. Ele não ia à escola há três dias, e sua mãe

enviara um bilhete à enfermeira de meu pai dizendo que levaria Jimmy ao consultório naquele dia.

Quando o último paciente do dia foi embora, Jimmy ainda não chegara. Meu pai e eu saímos então para visitar doentes em casa. Ele gostava que eu fosse com ele e adorava me contar histórias enquanto dirigia. Eram quase sete horas quando terminamos. Quando voltávamos para casa, papai disse de repente: "Vamos ver como está o Jimmy." Fiquei contente e agradecido, certo de que meu pai estava fazendo aquilo para me agradar. Mas, quando chegamos à antiga casa de pedras cinza, havia uma luz acesa na janela superior da parte de trás e uma outra na varanda dos fundos - antigamente era assim que se avisava que havia algum problema na casa.

Papai estacionou o carro perto da porta de entrada. Alice, a irmã mais velha de Jimmy, saiu correndo e passou os braços à volta de meu pai, chorando e tremendo, tentando falar.

- Ah, doutor. Jimmy está morrendo! Papai saiu à sua procura. Graças a Deus, o senhor está aqui.

Meu pai nunca se apressava. Costumava dizer que não há nenhuma razão para correr. Se você tivesse de correr, já era tarde demais. Mas disse para Alice soltá-lo e correu. Eu os segui pela cozinha, subindo pela escada estreita e escura da sala. Jimmy estava com a respiração ofegante e fazia um ruído alto, cheio de ar. O menino tinha montes de cobertores sobre ele, de modo que mal podíamos ver seu rosto na luz tremeluzente das lamparinas de querosene. Parecia exausto e sua pele brilhava.

Sua mãe estava extremamente abatida.

- Ah, doutor. Por favor, nos ajude. Era só um resfriado, então, de tarde, ele começou com esse suor terrível.

Eu nunca tinha visto a mãe de Jimmy assim antes. Ela ficou atrás de mim, com as mãos nos meus ombros, enquanto meu pai auscultava o peito de seu filho. Ele preparou uma injeção e levantou a agulha perto da luz. Eu tinha certeza de que ali estava para acontecer o milagre a que todos temos direito. Papai deu a injeção em Jimmy. Então pegou um chumaço de gaze e colocou na boca de meu amigo. Inclinou-se sobre ele e começou a respirar junto com ele. Ninguém se mexia no quarto e não havia outro som, a não ser a respiração regular de meu pai e a resposta da respiração de Jimmy, alta e sibilante.

Então, repentinamente como um raio, havia apenas o terrível som da respiração de meu pai. Senti as mãos da mãe de Jimmy pressionarem meus ombros e eu sabia, como ela sabia, que alguma coisa acontecera. Mas meu pai continuou a soprar nos pulmões de Jimmy. Passou-se um bom tempo e a senhora Hardesty foi até a cama, pôs a mão no braço de meu pai e disse:

- Ele se foi, doutor. Venha. Meu menino não está mais conosco.

Mas meu pai não se mexeu. A senhora Hardesty então me pegou pela mão e descemos, para a cozinha. Ela se sentou numa cadeira de balanço, e Alice, com um ar desamparado como eu jamais vira em ninguém, jogou-se no colo da mãe. Saí até a varanda e me sentei no degrau mais alto da escada, ali na escuridão gelada. Não queria que ninguém me visse ou falasse comigo.

Quando o senhor Hardesty chegou e viu nosso carro, entrou na casa e, por um minuto, ouvi vozes. Seguiu-se um silêncio, depois mais vozes. Finalmente meu pai saiu e o segui até o carro. Durante todo o solitário caminho de volta, ele não falou uma palavra. E eu não podia me arriscar a dizer nada para ele.

O mundo que eu pensava conhecer se partira no fundo do meu coração. Em vez de irmos para casa, fomos a seu consultório.

Ele começou a pesquisar em seus livros, procurando por alguma coisa que pudesse ter feito. Eu queria detê-lo, mas não sabia como. Não podia imaginar como a noite terminaria. De vez em quando, sem querer, eu começava a chorar novamente.

Finalmente alguém bateu à porta e fui até a sala da frente, agradecido a quem quer que fosse. Notícias sobre nascimentos e mortes correm rápido e vão longe numa comunidade como a nossa. Mamãe viera nos procurar.

Ela se ajoelhou, me abraçou, esfregou a parte de trás da minha cabeça e eu a abracei, como não fazia desde que era bebê.

— Ah, mamãe, por que ele não conseguiu, por que ele não conseguiu? - eu soluçava, com a cabeça em seu ombro.

Ela esfregou minhas costas até me acalmar. Então disse:

— Seu pai é maior que você, mas ele é menor que a vida. Nós o amamos pelo que ele pode fazer, não o amamos menos pelo que não pode fazer. O amor aceita o que encontra, seja o que for.

Embora eu não tenha certeza de ter compreendido o que ela quis dizer, sei que percebi a importância de suas palavras. Então ela entrou para falar com meu pai. Aquele inverno pareceu ter durado uma eternidade, mas todas essas lembranças passaram pela minha mente em segundos.

Continuei a remexer as peças do brinquedo quebrado de Luke e lhe disse:

- Não posso consertar.

- Pode, sim.

- Não, não posso. Desculpe.

Ele me olhou e a expressão de confiança desapareceu de seu rosto. Seu lábio inferior tremia e ele tentava segurar as lágrimas que surgiram.

Eu o coloquei no colo e o consolei da melhor maneira que pude - tanto pelo brinquedo quebrado quanto por ter acabado com a sua ilusão de que eu era infalível. Aos poucos o choro diminuiu. Eu tinha certeza de que ele percebera minha tristeza por tê-lo decepcionado ao demonstrar que era um simples mortal. Luke ficou aninhado em meu colo por um bom tempo, o braço à volta do meu pescoço.

Quando ele saiu da sala, me dando um olhar direto e amigável, pude ouvir a voz de minha mãe me dizendo, do seu jeito incontestável, que o amor não era condicional. Antes o pai, agora o filho. Eu sabia com certeza que da angústia daquela descoberta vinha a primeira luz, ainda fraca, da compreensão.